

» Víctor Guerra

Uso a palavra para compor os meus silêncios.
Manoel de Barros, 2008

O psicanalista Víctor Guerra (1958-2017) foi integrante da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU) e membro da diretoria de crianças e adolescentes da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), de 2014 a 2016. Sua pesquisa sobre as relações precoces o levou a ocupar posição de destaque na América Latina e seu trabalho ganhou repercussão internacional. Sua sensibilidade e seu entusiasmo em compartilhar descobertas estarão sempre presentes para os que com ele conviveram.

Por mais de 25 anos, Guerra trabalhou com observação e consultas terapêuticas de bebês e crianças pequenas, atuando com pais, educadores e os profissionais envolvidos nos cuidados em um centro de educação da primeira infância. A atividade sempre foi mencionada por ele como fundamental em sua formação, tendo contribuído para seu interesse na constituição do vínculo primário e do processo de subjetivação.

A partir dessa experiência clínica, o psicanalista desenvolveu os indicadores de intersubjetividade durante o primeiro ano de vida. Em 2012, este trabalho culminou em um filme realizado com financiamento da Associação Internacional de Psicanálise (IPA, por suas siglas em inglês). Trata-se de uma ferramenta clínica que permite pensar como o bebê constitui o processo de subjetivação na presença do objeto primário. Ele descreve como o bebê avança em sua jornada desde o encontro de olhares com o objeto, até o prazer de brincar juntos.

Seu doutorado foi realizado na França e publicado em um livro lançado na Universidade de Paris e Lyon: *Rythme et intersubjectivité chez le bébé* (Guerra, 2019). Em 2020, o livro foi lançado em espanhol pela Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). A artista plástica, Martha Barros, filha do poeta Manoel de Barros, ao saber da admiração que Guerra nutria pelo poeta brasileiro, cedeu um de seus trabalhos para ilustrar a capa deste livro.

Guerra – que dialogava intensamente com a arte, a poesia, a música e a pintura – dialoga, em um texto apresentado na 5ª Jornada de Literatura e Psicanálise da Asociación Psicoanalítica del Uruguay, (29 de junho de 2007) com o poeta Manoel de Barros, e compara o trabalho do analista ao trabalho do poeta no jogo que ambos fazem com as palavras, abrindo novas possibilidades de sentido.

Nesse texto, o autor uruguaio também revela a importância que teve para ele sua experiência pessoal no estabelecimento comercial do pai – um imigrante italiano – que reunia espanhóis e italianos que ali comiam, bebiam, compravam alimentos e contavam suas his-

tórias com palavras e, às vezes, pelo silêncio do olhar e dos gestos. Eram histórias impressionantes de saudades da pátria e dos parentes deixados para trás, da dificuldade com a língua, da adaptação ao novo país. Nos encontros no balcão do comércio do pai se constituía o futuro analista, que – diante do sofrimento de tantos relatos – já percebia a força da linguagem não-verbal dos personagens de sua infância.

Guerra desenvolveu vários conceitos importantes para o campo da primeira infância como: o ritmo, o complexo do arcaico, a lei materna, a estética da subjetivação, o transtorno de subjetivação arcaica, o falso *self* motriz e o objeto tutor.

O intercâmbio com psicanalistas franceses resultou em um diálogo, principalmente com René Roussillon e Bernard Golse, e foi muito importante para o desenvolvimento de suas ideias.

Guerra (2017) ampliou o conceito de lei materna de Roussillon (1991/2006), como uma lei do encontro, fazendo um contraponto à lei paterna, que propicia a separação e introduz o terceiro. A lei materna leva em conta o próprio ritmo do sujeito e acrescenta dois outros elementos organizadores desse encontro, fundamentais para a constituição psíquica, como o espelhamento e a abertura à palavra e ao jogo.

Ele destaca, ainda, que não pode haver união sem perspectiva de separação, e não se pode separar o que não foi antes unido. Portanto, antes de descobrir e aprender a andar e se deslocar – e assim desenvolver a capacidade de se separar –, a criança descobre, entre outras coisas, o prazer de co-criar um jogo com o outro, o que constitui uma das bases do processo de subjetivação. Essa ideia está presente nos indicadores de intersubjetividade.

Guerra argumenta que no vínculo mãe-bebê e pai-bebê se constrói um ritmo em comum, uma música necessária e fundante para a dança da subjetivação que tem como base central a busca de comunicação e a linguagem corporal de tempos arcaicos.

No encontro com o bebê, os pais revisitam consciente e inconscientemente sua própria infância, as vivências de como foram cuidados e tratados por seus objetos – e isso pode gerar angústias, esgotamento e tensão. Guerra (2018) descreve tal experiência como um revisitar desse mundo infantil, com suas paisagens agradáveis e desagradáveis. Muitas vezes, afirma ele, esse lugar não é tão luminoso, e sim opaco e com angústias ocultas pela bruma do tempo.

Víctor Guerra sabia compor com palavras – como diz Manoel de Barros – os silêncios que nos habitam.

REFERÊNCIAS

- Barros, M. (2008). *Memórias inventadas*. São Paulo: Planeta.
- Guerra, V. (29 de junho de 2007). *Poesía y psicoanálisis: Manoel y Víctor, encuentro de voces de infancia*. 5ª. Jornada de Literatura y Psicoanálisis. Asociación Psicoanalítica del Uruguay, Montevideo.
- Guerra, V. (2017). Ritmo, musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanía da subjetivação humana. Publicação Ceapia - Revista de psicoterapia da infância e adolescência - ano 26, n. 26 (2017). Porto Alegre, pp. 8-21
- Guerra, V. (2019). *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Érès.
- Guerra, V. (2020). *Vida psíquica del bebé: La parentalidad y los procesos de subjetivación*. Montevideo: APU, IUUP.
- Roussillon, R. (2006). *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos. (Trabalho original publicado em 1991).

*Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae